

VIVER A PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO: DEZ CONSELHOS AOS PESQUISADORES INICIANTE

EXPERIENCING RESEARCH IN GRADUATE SCHOOL:
TEN TIPS FOR BEGINNING RESEARCHERS

EXPERIMENTAR LA INVESTIGACIÓN EN LA ESCUELA DE POSGRADO:
DIEZ CONSEJOS PARA INVESTIGADORES PRINCIPIANTES

Emerson Augusto de Medeiros¹

Resumo

Este texto, escrito na forma de ensaio, objetiva pensar a formação para a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* a partir de dez conselhos, concebidos, sobretudo, como lições da experiência acerca do vivido no processo de formação de pós-graduandos em cursos de mestrado e doutorado, no âmbito da orientação e também da experiência profissional na Educação Superior. Dentre os conselhos, reforçam-se: conceber a formação na pós-graduação como um projeto de vida; pesquisar com compromisso social e ético; desenvolver a autonomia intelectual; alimentar a formação sociocultural; pesquisar com criatividade; construir a pesquisa em diálogo com outras pessoas; fazer da escrita um dispositivo formativo e, além disso, uma marca identitária da condição de pesquisador, entre outros. Os conselhos ensinam, de maneira geral, que a pós-graduação *stricto sensu* é um momento da trajetória de vida profissional marcado por crescimento intenso quando vivido de maneira criativa e implicada, bem como articulado à reflexão crítica acerca da experiência formativa. Tais conselhos reforçam que o fazer pesquisa na pós-graduação carrega, em sua essência, a possibilidade de autoformação do pesquisador iniciante. Além disso, a formação na pós-graduação *stricto sensu* alcançará seu propósito quando permitir ao pesquisador que promova, além do conhecimento fundamental no âmbito da pesquisa e de sua autoformação, a elevação de sua consciência social no plano coletivo e individual.

Palavras-chave: Formação, Pós-graduação *stricto sensu*, Pesquisador iniciante.

Abstract

This essay aims to reflect on research training in graduate programs (*stricto sensu*) based on ten pieces of advice, conceived primarily as lessons from experience in the training of graduate students in master's and doctoral programs, both in terms of supervision and professional experience in Higher Education. Among the pieces of advice, the following stand out: conceiving graduate training as a life project; researching with social and ethical commitment; developing intellectual autonomy; fostering sociocultural development; researching creatively; constructing research in dialogue with others; making writing a formative tool and, moreover, an identifying mark of the researcher's condition, among others. Generally, the advice suggests that graduate studies (*stricto sensu*) are a period in one's professional life marked by intense growth when undertaken creatively and with engagement, as well as through critical reflection on the formative experience. This advice reinforces that conducting research in graduate studies inherently offers the possibility of self-development for the beginning researcher. Furthermore, graduate studies (*stricto sensu*) will achieve their purpose when they allow the researcher to promote, in addition to fundamental knowledge in the field of research and self-development, the elevation of their social awareness on both a collective and individual level.

Keywords: Education, Graduate studies (*stricto sensu*), Beginning researcher.

¹Emerson Augusto de Medeiros, emerson.medeiros@ufersa.edu.br, Universidade Federal Rural do Semi-Árido. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3988-3915>.

Resumen

Este ensayo pretende reflexionar sobre la formación en investigación en programas de posgrado (en sentido estricto) a partir de diez consejos, concebidos principalmente como lecciones aprendidas de la experiencia en la formación de estudiantes de posgrado en programas de maestría y doctorado, tanto en términos de supervisión como de experiencia profesional en Educación Superior. Entre los consejos, destacan: concebir la formación de posgrado como un proyecto de vida; investigar con compromiso social y ético; desarrollar la autonomía intelectual; fomentar el desarrollo sociocultural; investigar creativamente; construir la investigación en diálogo con otros; hacer de la escritura una herramienta formativa y, además, un sello distintivo de la condición investigadora, entre otros. En general, el consejo sugiere que los estudios de posgrado (en sentido estricto) constituyen un período de la vida profesional marcado por un intenso crecimiento cuando se emprenden con creatividad y compromiso, así como mediante la reflexión crítica sobre la experiencia formativa. Este consejo refuerza la idea de que la investigación en los estudios de posgrado ofrece inherentemente la posibilidad de autodesarrollo para el investigador principiante. Además, los estudios de posgrado (en sentido estricto) alcanzarán su propósito cuando permitan al investigador promover, además de los conocimientos fundamentales en el campo de la investigación y el autodesarrollo, el aumento de su conciencia social tanto a nivel colectivo como individual.

Palabras clave: Educación, Estudios de posgrado, Investigador principiante.

INTRODUÇÃO

*Preferia ter começado esta história como um conto de fadas.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Somos professores formadores de pesquisadores em programas de pós-graduação *stricto sensu*. Nesse contexto, vivenciamos diferentes experiências que, até então, nos conduziram a refletir sobre o fazer pesquisa no âmbito da pós-graduação, especialmente nas áreas de Educação e Ensino. Este texto, escrito na forma de ensaio, tem como objetivo pensar a formação para a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* por meio de dez conselhos. Destina-se a pesquisadores iniciantes ou àqueles que, assim como nós, têm refletido e se preocupado com os processos formativos neste contexto universitário.

O ensaio ancora-se em nossa experiência, entendida, nos termos de Bondía (2002), não como algo que simplesmente acontece (um evento), mas como aquilo que nos passa e nos afeta, que nos atravessa e nos transforma. Além disso, o texto fundamenta-se em nossa vivência com a pesquisa nos cursos de mestrado e doutorado, quando nos constituímos inicialmente como pesquisadores, bem como na docência no Ensino Superior. Essa trajetória inclui a orientação na graduação, em cursos de licenciatura, e na pós-graduação; a coordenação de grupos de pesquisa e de programa de pós-graduação; a construção e a socialização de investigações; a avaliação de artigos acadêmicos e de trabalhos de conclusão de curso – monografias, dissertações e teses, entre outros.

Não obstante, ancoramo-nos também na produção acadêmica de pesquisadores, a exemplo de Nóvoa (2014), que registrou, com primor, por meio de uma carta, conselhos àqueles que iniciam a trajetória na pesquisa educacional. Destacamos que nos inspiramos, sobretudo do ponto de vista semântico e da organização textual, nos escritos do pesquisador português. Contudo, as vivências nos últimos anos na pós-graduação, bem como as

inquietações construídas em diálogos com mestrandos e doutorandos, orientados por nós, foram pulsantes para as reflexões tecidas neste ensaio.

Apresentamos considerações por meio de dez conselhos, os quais suscitam reflexões sobre o fazer pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*, contribuindo para a formação de pós-graduandos que, por vezes, sentem-se solitários ou confusos no processo de tornar-se pesquisador. Concebemos estes conselhos não como algo piegas ou carregado de verdades absolutas. Nesse sentido, distanciamos-nos do ditado popular que afirma: “se conselho fosse bom, não se dava”. Entendemos os conselhos, sobretudo, como lições da experiência (Bondía, 2002) construídas a partir de nossas trajetórias, bem como das vivências de outros pesquisadores, compartilhadas na literatura educacional.

Em termos de organização textual, o ensaio, além desta introdução, está estruturado em mais dez seções e nas considerações finais. Cada seção apresenta notas sobre um conselho específico, contemplando aspectos implicados no processo de formação para a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*. Embora o texto seja direcionado, com maior centralidade, a pesquisadores iniciantes das áreas de Educação e Ensino, consideramos que apresenta reflexões de interesse geral para estudantes da pós-graduação em nível *stricto sensu*.

Portanto, almejamos que o presente ensaio contribua para o número temático do qual faz parte, ampliando os aportes à pesquisa no contexto da Educação Superior, especialmente no âmbito da pós-graduação. Que os conselhos sejam inspiradores para o viver a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*. Eis-los...

PRIMEIRO CONSELHO: CONCEBA A FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* COMO UM PROJETO DE VIDA

*As estrelas só estão iluminadas para que, um dia, cada um de nós possa encontrar a sua.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Umberto Eco, na obra *Como se faz uma tese*, afirma de modo enfático: “viva a tese como um desafio. O importante é fazer as coisas com gosto” (Eco, 2010, p. 169). Tal afirmação nos instiga a pensar sobre o fazer pesquisa na atualidade na pós-graduação. Cada vez mais temos a percepção de que a vivência nos cursos de mestrado e doutorado já não se configura da mesma forma que outrora. Diferentemente do que vivenciamos em nossa própria trajetória formativa na pós-graduação, observamos, no tempo presente, a intensificação da celeridade e a banalização da formação, centradas em competências e métricas, em detrimento de uma formação integral dos pós-graduandos.

Busca-se, de forma crescente, retornos imediatos acerca das atividades realizadas – o que se estende tanto aos processos formativos quanto a práticas cotidianas, como a expectativa de respostas instantâneas a e-mails, por exemplo. Tudo é veloz! Nesse contexto, a pós-graduação tem assumido um caráter cada vez mais utilitarista. O imediatismo por resultados se sobrepõe à compreensão de que a pesquisa exige tempo, reflexão e maturação. Mas o que isso implica?

Em primeiro lugar, compreendemos que a pós-graduação no Brasil, tal como vem sendo estruturada a partir da avaliação quadrienal conduzida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem

orientado os processos formativos segundo uma lógica neoliberal. Os docentes são pressionados a produzir a qualquer custo. Produzir ou padecer: eis a questão (Evangelista, 2022). Nesse cenário, frequentemente se veem compelidos a estabelecer parcerias forçadas com instituições e pesquisadores estrangeiros. Para além da produção, o discurso hegemônico do momento é o da internacionalização.

Defendemos que a produção do conhecimento não deve se configurar como um processo mecânico ou meramente burocrático, mas como uma prática criativa e formativa, capaz de promover o crescimento pessoal e profissional do pesquisador (Araújo; Fortunato; Medeiros, 2021). Conforme assinala Nóvoa (2000), ao exercer uma profissão – neste caso, a de pesquisador – não se deve dissociar o pessoal do profissional, uma vez que tais dimensões se entrelaçam continuamente. A pesquisa, quando bem vivida, constitui-se em um dispositivo potente de conscientização e transformação do ser humano em sua totalidade.

Ousamos afirmar, caro leitor, que em nenhum outro momento de nossa trajetória de vida experimentamos tamanho crescimento quanto durante a vivência na pós-graduação *stricto sensu*, na condição de pós-graduando. Isso se deve ao fato de termos concebido a formação na pós-graduação como um projeto de vida. Assim, reiteramos: viver a pesquisa é fundamental. Trata-se de concebê-la como um trabalho intelectual e artesanal sensível que, mais do que a busca por um título acadêmico, se orienta pelo crescimento epistêmico, ontológico, axiológico, técnico e, sobretudo, humano.

Ao defendermos a necessidade de viver a pós-graduação, chamamos atenção para o tempo dedicado à leitura, à maturação do objeto investigativo e do desenho metodológico da investigação, bem como à apropriação dos fundamentos do fazer científico na área em que se pretende obter o título de mestre ou doutor. Esse processo demanda tempo e dedicação. Preocupa-nos observar estudantes e docentes imersos em um produtivismo alienante, no qual o número de artigos publicados em periódicos se sobrepõe ao conhecimento construído ao longo do desenvolvimento de uma dissertação ou tese.

Com essa reflexão, não nos posicionamos contrariamente à produção do conhecimento nem à sua socialização por meio de publicações em periódicos, capítulos de livros, entre outros formatos. Tais práticas são necessárias e relevantes. O que buscamos alertar, especialmente aos pesquisadores iniciantes, é para a ênfase excessiva em uma produção alienante, por exemplo, em periódicos científicos e outras vias de comunicação predatórias, que pouco contribuem, em termos qualitativos, para o avanço do conhecimento e para a sociedade (Nóvoa, 2014; Soares, 2021). Conceber a formação na pós-graduação como um projeto de vida implica reconhecê-la como um dispositivo contínuo de crescimento, que possibilita o autoconhecimento a partir das experiências vividas no processo investigativo pelo pesquisador.

Esclarecemos, ainda, que não somos contrários à internacionalização na pós-graduação. Ao contrário, a vivência em contextos formativos que ultrapassam as fronteiras dos espaços nos quais nos constituímos contribui para aprendizagens ampliadas e para uma formação intercultural, elevando nossa condição de seres socioculturais (Candau, 2024). O alerta que fazemos refere-se, sobretudo, aos enquadramentos que frequentemente somos submetidos, quase sempre justificados pela necessidade de pontuação em relatórios ao final de cada ciclo avaliativo da pós-graduação.

Dessa forma, aconselhamos que a formação na pós-graduação seja concebida como um projeto de vida, no qual tempo, esforço e energia se articulem como uma realização humana emancipatória, construída a partir das experiências compartilhadas com diferentes sujeitos e em distintos espaços, conduzindo à autoformação. O fazer pesquisa carrega, em sua essência, essa característica: a autoformação.

SEGUNDO CONSELHO: CONHEÇA BEM SUA ÁREA DE FORMAÇÃO, MAS COMPREENDA QUE PESQUISAR EXIGE CRIATIVIDADE

*As pessoas não tem imaginação! Só sabem repetir o que a gente fala.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Cada vez mais temos percebido, especialmente na condição de membros de bancas de avaliação de dissertações e teses, a ausência de aprofundamento conceitual e metodológico nos estudos. Observamos textos que se limitam a apresentar, de forma superficial, quando muito, aquilo que outros pesquisadores já disseram, sem estabelecer um nexo denso com o objeto de investigação.

Sem exagero, avaliamos que alguns pesquisadores que se intitulam mestres ou até mesmo doutores desconhecem fundamentos conceituais básicos, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do metodológico. Um exemplo disso diz respeito ao desconhecimento elementar acerca das abordagens de pesquisa (qualitativa, quali-quantitativa e quantitativa), dos tipos ou métodos de pesquisa (estudo de caso, pesquisa de campo, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entre outros), das técnicas de produção de dados (entrevista, questionário, observação, análise documental, roda de conversa, entre outras) e das técnicas de análise de dados (análise de discurso, análise de conteúdo, análise temática, etc.). Assim, frisamos a necessidade de apropriação dos fundamentos teórico-metodológicos e epistemológicos da área de formação na qual se desenvolve a pesquisa.

Se pensarmos nos paradigmas (positivismo, teoria crítica, construtivismo, entre outros) ou nos enfoques epistemológicos (fenomenologia, multirreferencialidade, materialismo histórico-dialético, bricolagem científica, entre outros) que balizam os estudos na área educacional, por exemplo, compreendemos que muitos estudantes da pós-graduação realizam suas pesquisas, mas não visualizam o lugar da ciência ao qual pertencem ou no qual se assentam.

Além disso, identificamos constantemente incoerências no próprio desenho da pesquisa, a saber: confunde-se a problemática com o problema de pesquisa; os objetivos gerais e específicos não são compatíveis entre si; a metodologia investigativa não atende aos objetivos definidos no estudo, entre outras questões. Soma-se a isso um ecletismo teórico-conceitual que mistura perspectivas epistemológicas muitas vezes divergentes.

Com a ampliação das perspectivas metodológicas e epistemológicas no campo educacional, a partir do surgimento das teorias críticas e pós-críticas nos anos de 1970 (Ferreira, 2009), sabemos que não há consenso – e nem deve haver – acerca do modo de se produzir conhecimento na área educacional. No entanto,

as questões aqui textualizadas referem-se a aspectos básicos da produção do conhecimento educacional.

Como outra questão a ser ressaltada, pontuamos que, continuamente, observamos estudantes desenvolverem pesquisas no campo educacional com pouca ou nenhuma criatividade. As pesquisas, quando não apresentam as fragilidades anteriormente mencionadas, reduzem-se a reproduções frias de manuais de metodologia científica, carecendo de originalidade e inovação.

Complementarmente, Nóvoa (2014, p. 14-15) ensina:

[...] conhece bem aquilo que fazes, a tua ciência, o teu campo acadêmico, as regras, as metodologias, as normas da arteciência da educação. Conhece-as, mas cumpre-as quanto baste. A investigação ou é criação ou não é nada. É preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros.

Ousar fazer pesquisa de modo distinto do já estabelecido é fundamental. Um bom estudo de dissertação ou tese na área educacional carrega o tom da criatividade, a qual pode se materializar desde a perspectiva teórico-metodológica assumida até a escrita do texto (Corazza, 2022). Um pesquisador criativo realiza diferentes movimentos investigativos para compreender o fenômeno estudado (ou o seu objeto de estudo), comunicando-o de forma textual e estilisticamente convidativa à leitura. Freitas (2022, p. 97) acrescenta:

A produção intelectual é ardilosa, por ser flutuante e escorregadia. Ela oscila e tem caprichos. O que chamamos de criatividade é a capacidade de reter e ampliar, com um toque próprio e único, por meio de uma inspiração, um *flash* ou um *insight*, uma coisinha de nada que atravessa o nosso pensamento e pode fugir. Boa parte dessa criatividade, porém, é fruto da nossa capacidade de concentração, de disciplina, de esforço mental e até de teimosia. Precisamos não de um dia bonito de céu azul, mas de uma boa dose de paciência para produzir alguma coisa interessante, para organizar raciocínios, transformar barro em tijolos e tijolos em casas.

Pontuamos que o uso da criatividade no processo investigativo envolve ir além do conhecimento existente, o que implica construir a pesquisa conectando conceitos de maneira não convencional e inovando metodologicamente. Ao equilibrar a liberdade de pensar e fazer, de forma não costumeira, com rigorosidade metodológica, a criatividade alia-se à produção de um conhecimento mais original. Contudo, é importante ressaltar que, assim como pesquisar, criar na pesquisa educacional é algo que se aprende com a experiência. Produzir com inventividade demanda tempo e maturação.

Quando revisitamos nossas dissertações e teses, percebemos prontamente o quanto amadurecemos. Não é raro ouvir colegas afirmarem: “Nossa! Se eu pudesse voltar à minha dissertação (ou tese), faria diferente”. Os pesquisadores que, neste momento, dialogam com você, caro leitor, também experienciaram esse processo. Se aventurem! Sejam criativos na produção do conhecimento educacional! Não reproduzam simplesmente o que outros fizeram, inovem a partir da especificidade do vosso objeto de pesquisa.

TERCEIRO CONSELHO: DESENVOLVA AUTONOMIA INTELECTUAL

Os humanos não têm mais tempo para conhecer nada. Compre as coisas já prontas nas lojas. [...] Precisa ter muita paciência. (Antoine de Saint-Exupéry, 2023).

Temos ciência, especialmente ao lermos os agradecimentos em textos dissertativos e doutorais, bem como em momentos de convivência após a conclusão de sessões de defesa de dissertações ou teses, que a pós-graduação *stricto sensu* constitui um recorte significativo da trajetória de vida, capaz de nos fazer transbordar. Muito além da obtenção de um título acadêmico no processo formativo, conforme anunciamos anteriormente, ela nos transforma enquanto seres sociais e humanos.

No entanto, para que esse percurso se consolide, é desejável que se desenvolva a autonomia intelectual. Nesse sentido, torna-se imprescindível cultivar de forma intensa o pensamento crítico, a curiosidade e a capacidade de construir ideias próprias (Freitas, 2022). É necessário aprender a buscar, a movimentar-se de maneira autônoma, ainda que sob a orientação de um profissional mais experiente e com maior expertise no fazer científico – o orientador.

Um dos maiores equívocos que o pós-graduando pode cometer em seu processo de formação, como mestrando ou doutorando, é tornar-se excessivamente dependente de seu orientador. Já vivenciamos, no âmbito da coordenação de programa de pós-graduação, situações em que o estudante se limita a tal ponto que não consegue cumprir o prazo de conclusão do curso. Também presenciamos casos em que a dependência em relação ao orientador resultou na produção de trabalhos excessivamente semelhantes ao estilo e às ideias do próprio orientador.

Cabe destacar que o orientador é um profissional que não vivencia integralmente a pós-graduação como função laboral. A docência na Educação Superior configura-se como um trabalho multidimensional, que o insere em diversas funções, tanto em sala de aula quanto fora dela, envolvendo atividades de ensino, extensão, pesquisa, gestão acadêmica, entre outras (Tardif, 2016; Medeiros, 2020; Araújo; Fortunato; Medeiros, 2021). Esses aspectos delimitam o tempo do orientador na pós-graduação.

Ressaltamos que o pós-graduando não deve caminhar sem seu orientador, uma vez que este profissional o auxilia na construção de percursos com sabedoria e experiência, sendo figura essencial na trajetória formativa, especialmente no curso de mestrado, momento inicial de imersão na pós-graduação *stricto sensu*. Sem a orientação, o percurso tende a ser menos seguro. Todavia, é igualmente importante não se tornar dependente da atenção ou das orientações constantes para o desenvolvimento da pesquisa e da própria formação acadêmica.

Afinal, será o pós-graduando o titulado como mestre ou doutor. Será ele quem usufruirá dos potenciais benefícios que esse título proporciona diante da comunidade social e acadêmica. Caso não desenvolva autonomia intelectual ao longo do processo formativo na pós-graduação, provavelmente enfrentará

maiores desafios e sentirá o peso da função de pesquisador ao exercê-la posteriormente, após a conclusão do mestrado ou do doutorado, se optar pela carreira acadêmica.

Em nossa perspectiva, a dissertação ou tese na área educacional deve ser construída de forma autoral, permitindo identificar a marca e o tom do pesquisador em sua produção. Com a difusão das tecnologias digitais e a ampliação dos meios de acesso à informação, o conhecimento científico tornou-se cada vez mais acessível. Além disso, o diálogo com outros pares e a participação em atividades acadêmicas – antes restritas ao formato presencial – contribuem para o desenvolvimento da autonomia intelectual do pós-graduando. Tudo isso com uma pitada de implicação no fazer pesquisa.

Diante da multiplicidade de canais de comunicação e informação disponíveis no tempo presente, é oportuno buscar e visitar *sites* especializados, periódicos científicos, bases de dados, bibliotecas e repositórios on-line, entre outras fontes que oferecem acervo e material de qualidade. Nesse conjunto, há inúmeras possibilidades que favorecem o desenvolvimento da autonomia intelectual, como livros e coletâneas, artigos científicos, videoconferências com pesquisadores renomados, teses, dissertações e dossiês temáticos, entre outros materiais. Diante de tantas opções, aconselhamos não restringir a consulta a uma única fonte ou espaço. Ao encontrar materiais relevantes sobre o tema, é fundamental explorar também as referências indicadas ao final dos textos.

Outro aspecto a ser considerado é a priorização da leitura de autores clássicos da área, sem negligenciar os contemporâneos, bem como obras basilares sobre o tema pesquisado e produções acadêmicas recentes. É necessário cautela para não se perder diante da quantidade de material disponível. A delimitação do acervo de leitura pode ser realizada com o auxílio do orientador, quando necessário. Da mesma forma, é importante não utilizar indiscriminadamente tudo o que se encontra, especialmente na internet.

A autonomia intelectual será condizente com a capacidade de produzir na pós-graduação de maneira independente, criativa e crítica, mobilizando diferentes possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa e para o crescimento pessoal e acadêmico do pesquisador.

QUARTO CONSELHO: ALIMENTE SUA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL

*Às vezes não faz mal nenhum deixar um trabalho para depois.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Este conselho, para alguns pesquisadores, pode denotar rebeldia, indisciplina ou até mesmo irresponsabilidade com a pesquisa e com a formação na pós-graduação. Isso porque, para aqueles que vivenciaram a pós-graduação como um “voto” de dedicação exclusiva, tornar-se pesquisador está relacionado apenas ao domínio de técnicas procedimentais ou do assunto que constitui o foco da pesquisa dissertativa e doutoral. Assim, exige-se uma dedicação perene, com a exaustão da mente e do corpo, na intenção de apreender o máximo possível do conhecimento envolto ao que se investiga na pós-graduação.

Já presenciamos circunstâncias em que foi orientado – logicamente pelo orientador – ao estudante de pós-graduação, especialmente ao bolsista, que se

dedicasse exclusivamente à leitura e às atividades referentes à tese ou à dissertação, sem descanso aos fins de semana. Certa feita, vivenciamos uma situação embaraçosa (ou mesmo abusiva) em que o orientador delimitou o que o estudante poderia fazer em horários não dedicados à pesquisa, sob a justificativa de que todo o tempo deveria ser direcionado à produção acadêmica relacionada ao objeto investigado. Em outro caso, sinalizou-se até mesmo o que o pós-graduando poderia ler, desde que não estivesse desvinculado de sua dissertação. Temos ciência desses casos danosos porque nossa experiência como professores da pós-graduação tem nos permitido conhecê-los. Esses exemplos parecem absurdos, mas são reais. Fazem parte, infelizmente, dos “bastidores” da pós-graduação, aos quais, por vezes, poucos têm acesso.

De outro modo, entendemos que não nos formamos pesquisadores fechados em nossas redomas. Precisamos alimentar nossa formação sociocultural; ninguém amplia sua percepção acerca da realidade permanecendo apenas dentro da caixa de sua ciência (Nóvoa, 2014). A formação na pós-graduação está articulada à nossa capacidade de alargar a consciência social, o que se constrói na intercomunhão de experiências com espaços, leituras, pessoas e vivências plurais (Couto, 2014; Bianchetti, 2021).

Durante o processo de orientação na pós-graduação, encorajamos nossos orientandos a viajarem (quando dispõem de condições materiais para isso) e a conhecerem ambientes para além da academia, a lerem literatura, a vivenciarem momentos de descontração com a família, a realizarem cursos de idioma, por exemplo. A inteligência provém de *inter-legere* (capacidade de interligar) e diz respeito ao ato de estabelecer conexões com o mundo (Nóvoa, 2014).

Para construir uma tese ou uma dissertação, é preciso ler – ler muito, ler devagar, ler coisas diversas e, em alguns momentos, também coisas “inúteis”. As ideias que alimentam a pesquisa, a formação na pós-graduação e a escrita brotam, muitas vezes, de situações inesperadas. Emergem em conversas com familiares ou amigos em um café da tarde; na praça, em um diálogo com o vendedor de doces ou de milho; em reflexões ao assistirmos a um filme ou documentário; ou ainda em uma viagem à praia, por exemplo. Novamente, recorremos a Nóvoa (2014, p. 16) para complementar nosso pensamento:

As ideias novas estão na fronteira, porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros. Talvez seja o momento de te lembrar que grandes descobertas foram feitas por acaso, mas que o acaso nunca é acaso: favorece sempre os olhos preparados para ver. Não há nada mais útil que o conhecimento inútil. É ele que nos prepara para ver e para pensar fora dos quadros rígidos em que tantas vezes nos deixamos prender.

Todavia, alertamos que esses movimentos, tão necessários para alimentar nossa formação sociocultural e, por que não afirmar, nossa humanidade, não nos exime da responsabilidade com a formação na pós-graduação. Desligar-se da pesquisa por um tempo é saudável. Quando nos distanciamos, conseguimos “enxergar” melhor a realidade e o objeto investigativo. O descanso é necessário para nos estranharmos, especialmente em dias nos quais não conseguimos avançar nas leituras e na escrita.

Como pesquisadores, afirmamos que o tempo do relógio não é o tempo da nossa cognição, nem do nosso corpo. Às vezes, sentamos em frente ao

computador por minutos ou até horas e nada conseguimos expressar; não escrevemos um único parágrafo com sentido e, por vezes, desenvolvemos certa repulsa pela pesquisa. Parece que pesquisar – algo tão prazeroso – também é espinhoso. Com momentos de distanciamento, ganhamos fôlego para continuar. Não somos máquinas!

Alimentar nossa formação sociocultural é um ato de responsabilidade com a saúde mental, física, entre outras dimensões. Precisamos dedicar horas diárias ou semanais ao estudo; contudo, nesse processo árduo, é essencial a interação com o mundo. Aconselhamos: sempre que puderem, vivam momentos “despretensiosos” com familiares e amigos, aproveitem um domingo ensolarado ou durmam até mais tarde, saboreiem momentos solitários e distantes de todos, assim como se exercitem fisicamente. A pós-graduação *stricto sensu* precisa ser concebida de maneira horizontal, permitindo explorar a vida e a nós mesmos.

QUINTO CONSELHO: CONSTRUA A PESQUISA EM DIÁLOGO COM OUTRAS PESSOAS

*Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

A formação na pós-graduação, especialmente no momento da escrita da dissertação ou da tese – após a conclusão das disciplinas e de outras demandas institucionais, como a qualificação do projeto de pesquisa –, torna-se muito solitária. Já ouvimos e vivenciamos a afirmativa de que “escrever uma dissertação ou uma tese é viver em solidão”. Tal solidão não é apenas de ordem física, mas também se manifesta como uma sensação de isolamento no fito de produzir um conhecimento mais original e inédito, acompanhada de inseguranças quanto ao que se está realizando (Eco, 2010). Perguntamo-nos, com frequência: estamos fazendo algo que faça sentido? O que realizamos e escrevemos é coerente com a ciência? Estamos, de fato, fazendo ciência?

Compreendemos que não há universidade, ciência ou pesquisa sem partilha (Nóvoa, 2014). Hoje, mais do que nunca, a formação para a pesquisa na pós-graduação e o próprio fazer científico exigem uma dimensão colaborativa. Trata-se de um exercício simultaneamente individual e coletivo (Kincheloe; Berry, 2007). Nesse sentido, aconselhamos que a pesquisa seja construída em diálogo com outras pessoas.

Para tanto, é fundamental participar de grupo(s) de estudo e pesquisa, vivenciar eventos científicos da área educacional – bem como aqueles mais específicos relacionados ao tema da dissertação ou da tese –, dialogar com colegas de turma, da pós-graduação e da academia, participar das atividades promovidas pelo programa ao qual se está vinculado e manter diálogo com o orientador, sempre que necessário. O diálogo, segundo Freire (2017), constitui uma necessidade existencial no processo formativo.

Por meio do diálogo, a partir do que foi apontado anteriormente, traça-se com mais consistência o problema de pesquisa e os objetivos investigativos, define-se com mais clareza aspectos relacionados ao referencial teórico do estudo, projeta-se melhor a metodologia da pesquisa e pensa-se sobre dimensões da análise dos dados.

Além disso, a experiência com outros pesquisadores em eventos científicos, por exemplo, amplia a compreensão acerca do campo de conhecimento no qual a pesquisa se desenvolve, atualiza o olhar sobre o objeto investigado e possibilita o contato direto com pesquisadores mais experientes, que estudam o tema há mais tempo, a partir de vivências em diferentes culturas e contextos sociais e institucionais. Um equívoco comum entre pesquisadores iniciantes é acreditar que a formação na pós-graduação se restringe ao cumprimento de disciplinas, ao desenvolvimento da pesquisa e à redação do texto final.

Na nossa compreensão, é impossível realizar pesquisas sem a colaboração de outras pessoas, das mais próximas às mais distantes espacialmente. A ausência de diálogo na pós-graduação constitui uma armadilha e uma limitação para o pesquisador iniciante que, ao se manter restrito ao próprio entorno, fragiliza seu processo formativo, uma vez que deixa de confrontar ideias, revisar pressupostos teórico-epistemológicos, metodológicos e ético-políticos, comprometendo, assim, a construção de uma identidade investigativa de caráter mais holístico.

SEXTO CONSELHO: FAÇA DE SUA ESCRITA UM DISPOSITIVO FORMATIVO E, ALÉM DISSO, UMA MARCA “IDENTITÁRIA” DA SUA CONDIÇÃO DE PESQUISADOR

*Nós só escrevemos coisas eternas.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Fazer de sua escrita um dispositivo formativo e, além disso, uma marca identitária da condição de pesquisador implica compreender que escrever na pós-graduação não se restringe a um exercício técnico ou instrumental voltado apenas à comunicação de resultados de uma pesquisa (Soares, 2021). Refere-se, antes, a um exercício formativo, no qual o pesquisador se constrói, se reconhece e se posiciona do ponto de vista epistêmico, ético e politicamente no âmbito científico. A escrita, nesse sentido, deixa de ser apenas o produto final da pesquisa para se constituir como espaço privilegiado de reflexão, aprendizagem e transformação.

No entanto, Soares (2021) afirma que temos vivido na pós-graduação alguns problemas, principalmente, de natureza ética no que toca à escrita acadêmica. O plágio e o autoplágio são identificados com frequência, por exemplo, pelos editores de periódicos científicos em momentos de triagem quando um texto é submetido à revisão por pares. Um aspecto que ocasiona essa realidade se refere a alguns pesquisadores que, além de não possuírem uma formação sobre princípios éticos da pesquisa científica, acreditam que a escrita de um texto se faz da noite para o dia – escrever também exige tempo e descanso. O trabalho textual precisa de maturação e da leitura de outros – do orientador, por exemplo, aos pesquisadores iniciantes.

Orientamos que não deixe para escrever o texto apenas próximo ao momento de conclusão da dissertação ou da tese. Na formação para a pesquisa, a escrita atua como um dispositivo que organiza o pensamento, tenciona “certezas” e oportuniza o pesquisador a confrontar suas escolhas teóricas, metodológicas e analíticas. Ao escrever, o pesquisador é continuamente interpelado por suas próprias perguntas, pelos limites do que sabe e pelas possibilidades do que pode vir a conhecer. Esse exercício formativo, é também dialógico, uma vez que toda

escrita acadêmica se constrói em interlocução com autores, outras pesquisas e outros modos de compreender a realidade (Garcia, 2021; Soares, 2021).

Assumir a escrita como dispositivo formativo significa reconhecer que ela participa ativamente da constituição do pesquisador. É no processo de escrever que aprendemos a argumentar, a sustentar posições, a lidar com a dúvida, com o inacabamento e com a complexidade do conhecimento acadêmico. A escrita revela fragilidades, mas também potencializa avanços, permitindo que o pesquisador perceba deslocamentos em seu próprio modo de pensar e de produzir conhecimento ao longo do processo formativo na pós-graduação *stricto sensu* (Soares, 2021).

Como sinalizações que podem ajudar o processo de escrita na pós-graduação, recomendamos, pesquisador iniciante, que busque desenvolver um texto com coerência, dando uma sequência fluida e orgânica à escrita. Para isso, evite parágrafos longos ou muito curtos; seja “entendível” no que quer comunicar, tenha atenção às questões de linguagem, pois outros lerão o trabalho e acreditam na qualidade do que desenvolveu. Lembre-se que o seu texto é a parte de sua pesquisa que ficará disponível à sociedade, caso publique seu estudo. Tente escrever seguindo a normatização acadêmica, referenciando corretamente os autores, principalmente sendo fiel ao que eles abordam, atribuindo um tom autoral; antes de encaminhar o texto para a apreciação do orientador, leia-o, mature-o e revise-o, a pressa para entregá-lo limita sua qualidade.

Aconselhamos, ainda, que evite a escrita coloquial (do dia a dia). Não há texto perfeito, nem definitivo, porém, esforce-se o suficiente para afirmar que seu estudo pode contribuir com algum conhecimento para a área educacional. Você está fazendo um texto acadêmico!

Rememoramos que ninguém aprende a escrever bem rapidamente. A leitura, nesse caso, é uma aliada de todo pesquisador. Segundo Nóvoa (2014), se não gosta de ler, de conhecer, pode se tornar um excelente técnico para produzir roteiros de questionários e entrevistas, mas não comunicará com maestria o que desenvolveu.

Não obstante, a escrita configura-se como a marca identitária do pesquisador. Cada texto carrega traços de um modo particular de ler a realidade, de dialogar com o campo teórico e de se posicionar frente aos objetos de pesquisa investigados. Ainda que submetida a normas, gêneros textuais e convenções acadêmicas, a escrita nunca é neutra ou totalmente homogênea (Nóvoa, 2014). Ela expressa escolhas, prioridades, sensibilidades e compromissos que revelam a identidade do pesquisador.

Nesse sentido, a identidade do pesquisador se constitui também pela forma como escreve, argumenta e constrói sentidos. A escrita torna-se, assim, um lugar de autoria, no qual o pesquisador registra sua voz no ambiente acadêmico, assumindo responsabilidades sobre o que diz e sobre como diz. Formar-se para a pesquisa implica, portanto, aprender a escrever de modo consciente e autoral, compreendendo a escrita como prática social situada e historicamente marcada pelo que se é como ser social (Soares, 2021).

Ao compreendermos a escrita como dispositivo formativo e como marca identitária, ampliamos sua função para além da produção de textos conclusivos sobre um estudo. Escrever, nesse horizonte, é formar-se pesquisador – com dúvidas, recuos e avanços, é inscrever-se de modo particular e autoral na área

educacional. Acorados em Nóvoa (2014), reforçamos: é a sua escrita que o distinguirá dos demais pesquisadores.

SÉTIMO CONSELHO: PESQUISE COM COMPROMISSO SOCIAL E ÉTICO

*Você se torna eternamente responsável por aquilo que cativa.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Em consulta ao *Dicionário Aurélio On-line da Língua Portuguesa*, encontramos o seguinte conceito acerca da pesquisa: “Busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição para conhecer algo” (Dicionário Aurélio, 2026, on-line). No contexto educacional, a pesquisa pode ser concebida, segundo Esteban (2010), como um processo sistemático para compreender os fenômenos educativos e desenvolver conhecimentos sobre eles. Seja como busca minuciosa, seja como processo sistemático, o fazer pesquisa constitui um meio de produzir conhecimentos sobre a realidade. No campo educacional, esse conhecimento pode favorecer a elaboração, por exemplo, de políticas educacionais, do currículo escolar e da formação dos professores. Assim, o compromisso social e ético não deve ser compreendido como um elemento acessório da pesquisa, mas como um de seus fundamentos centrais.

O compromisso social refere-se à consciência dos impactos que o conhecimento produzido pode gerar na sociedade de maneira geral, na comunidade social envolvida no estudo e nos participantes da investigação. É preciso ter como pressuposto que não se pesquisa apenas para obter uma formação em nível de pós-graduação ou um título acadêmico, segundo já anunciámos.

Além do mais, a pesquisa na área educacional tem possibilitado a ampliação do debate sobre determinados temas. Assim, pesquisar com compromisso social significa questionar a quem serve determinado conhecimento, quem se beneficia de seus resultados e quem pode, também, ser afetado negativamente por eles. O pesquisador da área educacional desenvolve pesquisa porque há a necessidade de avançar/produzir conhecimentos sobre determinados assuntos. Quando desenvolvo pesquisa, exclusivamente, por interesses de cunho pessoal, desconsidero que todo conhecimento científico é também social (Gatti, 2012).

Do ponto de vista ético, a pesquisa exige responsabilidade em relação aos sujeitos envolvidos – quando envolve seres humanos –, aos dados produzidos e às interpretações construídas. Isso inclui o respeito à dignidade do outro, à autonomia dos participantes e à integridade científica, evitando práticas como a manipulação de resultados ou o uso indevido de informações. Mainardes (2017, p. 165) alude:

Na verdade, a ética na pesquisa necessita ser entendida como um ‘problema de formação’. Isso significa que precisa ser trabalhada com os alunos na graduação e na pós-graduação, ser debatida e problematizada nos Grupos de Pesquisa, nas sessões de orientação, nas defesas de mestrado e doutorado e em outros espaços, bem como na divulgação de resultados de pesquisa. A

ideia da ética na pesquisa como o preenchimento de um formulário é totalmente insuficiente no que se refere ao emprego de uma ética reflexiva.

A ética na pesquisa não se limita apenas ao cumprimento de normas institucionais ou de protocolos formais; diz respeito a uma postura íntegra do pesquisador diante do que desenvolve. Nesse sentido, recomendamos que, caso a pesquisa envolva seres humanos, sejam consideradas as orientações normativas da área educacional, conforme a Resolução CNS n. 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais; que se respeitem os participantes e os contextos pesquisados; que se desenvolva uma escuta sensível frente aos participantes do estudo; e que, sempre que possível, haja o retorno ao espaço pesquisado – ainda que seja para agradecer pela colaboração na pesquisa. Independentemente de a pesquisa ser realizada por um único pesquisador, é importante lembrar que ela se constitui porque há outros envolvidos.

Portanto, pesquisar com compromisso social e ético é compreender que a ciência carrega responsabilidades que vão além da validação acadêmica. Trata-se de assumir uma prática investigativa orientada por princípios éticos e por uma preocupação com os efeitos sociais do conhecimento produzido. Na área educacional, esse compromisso torna-se ainda mais tônico, pois lida diretamente com processos formativos e com seres humanos, muitas vezes inseridos em contextos de desigualdade social.

OITAVO CONSELHO: COMPREENDA QUE TORNAR-SE PESQUISADOR É UM LONGO PROCESSO

*Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Em uma de nossas aulas na disciplina de *Pesquisa em Educação*, como alunos do curso de doutorado, ouvimos de um experiente professor a seguinte afirmação: “a pós-graduação *stricto sensu* é um momento inicial de alfabetização e letramento para a pesquisa”. Essa afirmação, hoje, possibilita-nos depreender, mais uma vez, que a pós-graduação *stricto sensu* constitui um momento intenso de imersão no fazer pesquisa na trajetória formativa de um estudante no contexto da Educação Superior, ao mesmo tempo em que inaugura um processo contínuo em sua história no âmbito da pesquisa. Tornar-se pesquisador, portanto, é um movimento que se constrói ao longo do tempo, marcado por um amadurecimento progressivo acerca da produção do conhecimento científico (Freitas, 2022).

Ninguém nasce pesquisador; constituímos-nos pesquisadores. Esse processo demanda, como já dissemos, implicação contínua e dedicação. Nesse sentido, esclarecemos que não há modelos ideais de pesquisadores ou de pesquisas. Assim, não existem pesquisas melhores ou piores. Pela ausência de experiência com a pesquisa, alguns pesquisadores iniciantes empolgam-se excessivamente ao realizarem suas dissertações e teses. Constroem, então, uma percepção equivocada de que sua pesquisa é superior a qualquer estudo anteriormente realizado sobre o tema, como se esta pudesse, inclusive, “salvar a humanidade” – o que, evidentemente, não ocorrerá.

Sinalizamos, ainda, a necessidade de cautela para não construir uma dissertação ou tese sustentada por uma narrativa fantasiosa, julgadora ou excessivamente descritiva. Ser Paulo Freire, Edgar Morin, Lev Vygotsky ou Karl Marx fica para outra vida – nesta, não será. Tais excessos configuram “pecados acadêmicos” que devem ser evitados no processo formativo na pós-graduação.

Quanto mais conhecimento desenvolvemos, maior maturidade construímos – maturidade esta que vem acompanhada de discernimento nas ações e de serenidade na condução da pesquisa, especialmente para lidar com imprevistos, bastante comuns, e com desafios inerentes ao processo investigativo. Errar durante o desenvolvimento da pesquisa também é uma possibilidade, sobretudo quando não há uma boa orientação.

De toda forma, é importante compreender que a pesquisa desenvolvida é, metaforicamente, apenas uma das pontas de um extenso *iceberg*: a ciência. Alertamos, igualmente, para a necessidade de dosar os esforços ao longo do processo. Como orientadores, presenciamos pós-graduandos bastante dedicados no início do mestrado e do doutorado; contudo, com o passar do tempo, essa dedicação tornou-se escassa e, por vezes, decepcionante para nós que orientamos. Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que cada pesquisa possui sua especificidade, assim como a área em que é desenvolvida (Nóvoa, 2014; Soares, 2021).

Aludimos que a formação do pesquisador não se encerra com a defesa de uma dissertação ou tese. Ao contrário, esses marcos representam momentos de síntese provisória em um percurso que permanece aberto. O pesquisador continua sendo interpelado por novos problemas e demandas sociais, o que exige atualização constante de seus conhecimentos e modos de produzir ciência.

Em linhas de conclusão, orientamos que socialize sempre sua produção acadêmica, se possível. É frustrante, tanto para o orientador quanto para a ciência, que não haja a comunicação do que foi produzido no processo de formação dissertativa e doutoral. Alguns pós-graduandos, ao concluírem seus estudos, simplesmente desaparecem. A formação para a pesquisa não se encerra nesse momento. Reconhecer, também, a pesquisa como um processo inacabado permite conceber o conhecimento científico não como um conjunto de respostas definitivas, mas como uma seara em permanente construção.

NONO CONSELHO: INVESTIGUE O QUE É PULSANTE, MAS NÃO ESQUEÇA QUE PESQUISAMOS O QUE HÁ DE NECESSIDADE SOCIAL

*O essencial é invisível aos olhos.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Iniciaremos este nono conselho rememorando uma experiência vivenciada na época em que éramos estudantes do curso de mestrado. Em nossa turma, mais especificamente na mesma linha de pesquisa, compartilhamos angústias, medos, crescimentos, bem como os sabores e os dessabores que a experiência humana possibilita na universidade e fora dela. Uma dessas vivências foi muito marcante.

Entre nós, existia uma colega que, ao ingressar no mestrado, mudou drasticamente seu objeto e tema de pesquisa. É muito comum que o objeto de pesquisa seja redesenhado. Pela ausência de experiência, ingressamos com uma



projeção investigativa permeada por fragilidades de naturezas diversas; ela é burilada, o objeto é delimitado, os caminhos são amadurecidos e outros movimentos investigativos são realizados (Kincheloe; Berry, 2007; Nóvoa, 2014). Toda pesquisa necessita ser exequível. Tudo isso é absolutamente normal e faz parte de um processo natural de crescimento.

No entanto, para essa pós-graduanda, a experiência foi traumatizante – tanto é que seu retorno ao curso de doutorado demorou mais de meia década. Ela não redesenhou apenas o objeto, os objetivos do estudo ou o problema de pesquisa. Ela mudou de rota. De um estudo a respeito das representações sociais juvenis sobre ser professor, voltou-se a investigar a história de uma instituição escolar, com um determinado recorte temporal, a partir de uma teoria social – inclusive divergente da perspectiva teórica anterior. Foram dois anos de mestrado em que o estudo parecia lhe cortar. Cabe dizer que a decisão de mudança não partiu de seu interesse; aconteceu de forma impositiva, para dar fôlego a um projeto maior de pesquisa do orientador.

Essa experiência, jamais esquecida por nós, nos conduz a afirmar, neste momento: investigue o que é pulsante, mas não esqueça que pesquisamos a partir de necessidades sociais. A pesquisa que construiremos no mestrado e no doutorado nos acompanhará por um longo período; mesmo que, após concluirmos, não continuemos a investigar e aprofundar o assunto estudado, seremos lembrados na academia, em parte, pelo que investigamos na pós-graduação. As marcas do processo formativo com o objeto de pesquisa nos acompanharão para sempre. Sem contar que a pesquisa do mestrado ou do doutorado habitará intensamente nossos dias nesse momento da formação. Acordaremos e dormiremos com ela. Limitaremos vários momentos da vida em virtude dela. Como diz Freitas (2022), sua presença começa tímida e, de repente, toma conta de nossa rotina.

É angustiante pesquisar o que não é pulsante, o que não desperta interesse em investigar. O que pulsa não é apenas o que é novo ou visível, mas aquilo que mobiliza afetos, conflitos, curiosidade, desejos e tensões para nós e na dimensão social. Assim, investigar o que é pulsante sem esquecer a necessidade social é equilibrar sensibilidade e responsabilidade com a prática social e, principalmente, com a ciência, sem nos curvamos, como pesquisadores, ao que não nos desperta o desejo de conhecer.

DÉCIMO CONSELHO: COMO PESQUISADOR EXERCITE A HUMILDADE, PERENEMENTE

Julgava-me muito rico por ter uma flor única no mundo e, afinal, só tenho uma rosa. [...] Essa situação não me permite que eu seja um príncipe importante.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).

Chegamos a um momento do texto o qual, em nossa percepção, merece bastante atenção. Em verdade, entendemos que, no ambiente universitário, por ser um espaço genuinamente de formação profissional e pessoal, deveriam estar presentes, com maior frequência, o acolhimento e a sensibilidade ao ser humano. A pós-graduação, como espaço de excelência na produção do conhecimento

acadêmico, poderia ser um canal para o exercício da alteridade, da empatia e de processos que focalizassem a formação humana daqueles que a vivenciam.

Diferentemente do que contextualizamos, encontramos ambientes, algumas vezes, hostis do ponto de vista relacional. A vaidade acadêmica, marcada por egos inflados e até mesmo por humilhações e assédios, infelizmente não é incomum ao ambiente universitário. Assim, caro pós-graduando, conforme Nóvoa (2014) e Corazza (2022), aconselhamos que se exercite a humildade. Em um contexto acadêmico marcado, tantas vezes, por disputas simbólicas e hierarquias institucionais, ela é um princípio fundante da formação para a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*. Exercite-a: considere seus erros no processo de formação como referências para o aprendizado e o crescimento intelectual e humano.

A humildade não se apresenta apenas como virtude moral, mas como uma exigência epistemológica. Morin (2024) sabiamente nos ensinou: mais vale uma cabeça bem-feita do que uma cabeça cheia de informações. Os pesquisadores, para cultivar a humildade, necessitam aprender a escutar muito mais do que a falar na pós-graduação. Necessitam compreender que nenhuma pesquisa ou teoria responderá integralmente aos problemas sociais. É importante destacar que, na pesquisa educacional, o pesquisador não encontrará verdades absolutas e estáticas. Segundo Esteban (2010), a partir do processo de investigação, ele produzirá compreensões parciais, tendo em conta determinadas teorias e pontos de vista, considerando condições espaciais, culturais, políticas, entre outras.

Vale enfatizar que, ao exercitar a humildade, o pesquisador também compreenderá que, em algum momento da investigação, sua pesquisa necessitará ser concluída para, quem sabe, ser continuada por outro. Pesquisadores iniciantes, algumas vezes – não sabemos se por vaidade acadêmica ou inexperiência –, tendem a não querer finalizar seus estudos, ou ao tê-los como posse – algo impensável, considerando que o conhecimento se faz em coletivo.

Concluimos este ensaio com a convicção, jamais com a certeza, de que esses conselhos podem servir de inspiração para que o caminhar na pós-graduação seja menos complexo, mais leve e mais próspero em termos de crescimento. Aqui, nos esforçamos para expressar um pouco do que vivemos, até então, como pesquisadores sempre em formação. Desejamos, humildemente, ter alcançado o propósito deste texto. Viva a pesquisa na pós-graduação!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Porque eu não gostaria que este texto fosse lido levianamente.
É tão difícil lembrar essas coisas.
(Antoine de Saint-Exupéry, 2023).*

Neste ensaio, por meio de dez conselhos, buscamos pensar sobre a formação para a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*. Enfatizamos, outra vez, que tais conselhos não devem ser concebidos como uma receita para a trajetória de formação na pós-graduação. Eles estão relacionados com a nossa experiência profissional nesse contexto, a qual está permeada de especificidade e de uma trajetória singular construída por nós como pesquisadores do campo educacional. No entanto, acreditamos que eles podem contribuir para os processos formativos de mestrandos e doutorandos que se deparam, muitas

vezes, confusos acerca de caminhos a percorrer neste âmbito da formação profissional.

Os conselhos ensinam, de maneira geral, que a pós-graduação *stricto sensu* é um momento da trajetória de vida profissional marcado por crescimento intenso quando vivido de maneira criativa e implicada, bem como articulado à reflexão crítica acerca da experiência formativa. A formação para a pesquisa necessita ser concebida como um projeto de vida, no qual a dimensão autoral do pesquisador se transcende continuamente. Além disso, é um processo que se complementa com o exercício da autonomia intelectual e do compromisso social e ético na pesquisa. Não se limita também à formação na universidade, por meio de disciplinas cursadas e do texto final, produto da pesquisa dissertativa ou doutoral.

Por último, declaramos que a formação na pós-graduação *stricto sensu* alcançará seu propósito quando permitir ao pesquisador que promova, além do conhecimento fundamental no âmbito da pesquisa, sua autoformação, por meio do exercício perene da humildade, bem como da elevação de sua consciência social, coletiva e individual, entre outros. Assim, a pós-graduação oportuniza, além da produção do conhecimento científico, a formação integral do pesquisador.

Referências

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; FORTUNATO, Ivan; MEDEIROS, Emerson Augusto de. Universidade-Formação-Pesquisa. *Imagens da Educação*, v. 11, n. 2, p. 19-39, 2021.

BIANCHETTI, Lucídio. O desafio de escrever dissertações/teses: como incrementar a quantidade e manter a qualidade com menos tempo e menos recursos. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2021. p. 177-195.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

BRASIL. *Resolução nº 510/2016*. Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, 2016.

CANDAU, Vera Maria. Didática, Interculturalidade e Formação de Professores: desafios atuais. In: MEDEIROS; Emerson Augusto de; FORTUNATO, Ivan; FERREIRA, Lúcia Gracia; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves (org.). *Vamos conversar sobre Didática?* Campinas: Mercado de Letras, 2024. p. 73-98.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2022. p. 359-374.

COUTO; Maria Clara de Paula. Como manejar o tempo na academia? In: KOLLER, Sílvia; COUTO, Maria Clara de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (org.). *Manual de produção científica*. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 167-178.

DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Pesquisar*. Curitiba: Editora Positivo, 2026. p. 187.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 22. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EVANGELISTA, Olinda. Publicar ou morrer. In: Bianchetti, Lucídio; Machado, Ana Maria Netto (org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2022. p. 304-307.

FERREIRA, Liliana Soares. A pesquisa educacional no Brasil: tendências e perspectivas. *Contrapontos*, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2022, p. 223-234.

GARCIA, Regina Leita. Para quem investigamos – Para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: GARCIA, Regina Leita (org.). *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. 6. ed. São Paulo, 2021. p. 15-42.

GATTI, Bernardete Angelina. *A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

KINCHELOE, Joe; BERRY, Kathleen. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MAINARDES, Jefferson. A ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós-Resolução CNS nº 510/2016. *Educação*, v. 40, n. 2, p. 160-173, 2017.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. Coordenação de curso de graduação – desafios e tensões na atuação profissional do professor universitário. *Comunicações*, Piracicaba, v. 27, n. 3, p. 1-26, set./dez. 2020.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2024.



NÓVOA, António. Carta a um jovem Investigador em Educação. *Investigar em Educação*, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2014.

NÓVOA, António. Os Professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, António (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Ed. Porto, 2000, p. 11-30.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Maverick, 2023.

SOARES, Magda. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In: GARCIA, Regina Leita (org.). *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2021. p. 71-96.

TARDIF, Maurice. Docência universitária: Entrevista. *Em Aberto*, v. 29, n. 97, p. 133-140, 2016.



Como referenciar este artigo:

MEDEIROS, Emerson Augusto de. Viver a pesquisa na pós-graduação: dez conselhos aos pesquisadores iniciantes. *Revista Eletrônica de Educação (REVEDUC)*, São Carlos, v. 20, n. 1, e705801, 2026. **e-ISSN:** 1982-7199. **DOI:** <https://doi.org/10.14244/reveduc.v20i1.7058>

Submetido em: 03/02/2026

Aprovado em: 17/04/2026

Publicado em: 05/08/2026

Processamento e editoração: Equipe Editorial da REVEDUC

Revisão e tradução: Maria Luiza Ribeiro Buzian e Vanessa Aparecida de Oliveira

